



# JORNAL LILÁS

EDIÇÃO: MARÇO DE 2023

Mulheres do SINPROJA há 30 anos democratizando a Educação e combatendo as violências.





# EDITORIAL



Há 30 anos a força do Sinproja é a sua base, que é majoritariamente feminina. Há 30 anos somos protagonistas em tantas lutas e conquistas. Superamos dificuldades políticas, econômicas, de saúde pública e de desmonte da Educação. Batalhamos, todos os dias, para combater a discriminação e a violência. Damos conta das atividades domésticas e nos arvoramos em ocupar espaços com coragem e competência. Mas não estamos satisfeitas. Queremos e podemos mais. Com ética, por justiça, somos solidárias na caminhada. O Sinproja já avançou muito e vamos avançar muito mais. É sobre essa caminhada que falamos no Jornal Lilás. Uma publicação feita por mulheres, que mostra suas lutas, sua opinião, seu empoderamento.

Nessa edição comemorativa de aniversário de 30 anos, deste combativo sindicato, teremos a participação da primeira senadora de Pernambuco: a companheira Teresa Leitão, parceira e exemplo da força das mulheres educadoras. Também mostraremos um mosaico de outras tantas mulheres que são a força desta categoria. Você vai ler artigos que explicam o porquê da insistência das mulheres em transgredir a gramática ao adotar a flexão de gênero na escrita e na fala. Outro tema abordado nesta edição do Jornal Lilás é a análise do ser Feminina ou Feminista? Ou será possível conciliar os dois adjetivos? Temos ainda um pouco da história das lutas das mulheres, inclusive sobre a importância da participação das mulheres do SINPROJA. Venha conosco nesta viagem pelo universo feminino! Boa leitura e boa luta!!!



**Presidenta**  
Séphora Freitas

**Vice-Presidente**  
Marcelo Galdino

**Secretaria Geral**  
Jacqueline Sobral  
Ana Melo

**Sec. Finanças**  
José Bandeira  
Maristela Ângelo

**Sec. de Ass. Educacionais e Culturais**  
Ailton Rocha

**Secretaria de Formação**  
Nilson Vellazquez  
Dilson Marques

**Sec. Imprensa e Comunicação**  
Ronildo Oliveira  
Joselmo Santana

**GOAAM**  
Josafá Cavalcanti

**Sec. de Patrimônio e Filiação**  
Rita de Cássia  
Iranadja Lima

**Secretaria de Políticas Sociais**  
Tamires Carneiro  
Amanda Gondim

**Sec. Aposentados e Ass. Previdenciários**  
Frazão  
José Roberto

**Jornalista**  
Henrique Lima (DRT-PE6239)

**Projeto Gráfico**  
PH Assessoria de Comunicação

**Gráfica Três Reis**  
Tiragem: 2000  
Telefone: (81) 3481-1679 / 3482-1744  
CNPJ: 24.698.980/0001-06



## SINPROJA: 30 ANOS DE LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES



É fundamental que haja organizações que se dediquem a garantir a igualdade de gênero e a proteção aos direitos femininos especialmente em um país como o Brasil, onde ainda existe muita violação de direitos e violência contra as mulheres.

Elas enfrentam muitos desafios em todo o mundo incluindo disparidades salariais, discriminação no local de trabalho, violência doméstica e acesso limitado à Educação e aos cuidados de saúde. Mas o enfrentamento vem crescendo globalmente ao longo das últimas décadas, agregando muitas organizações sociais e sindicatos. Já sentimos resultados importantes, como legislação referente à proteção contra a violência doméstica, a exemplo da Lei Maria da Penha, a delegacia das Mulheres e cota para a participação política.

Ao longo dos anos, o SINPROJA certamente contribuiu para a conscientização da sociedade sobre a importância do respeito e da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, sendo protagonista nas lutas e conquistas que garantiram alguns desses direitos. Apesar dos retrocessos, continuamos esperando que essa luta proporcione avanços nos próximos anos, até que tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, independentemente de gênero.

Ainda há muito trabalho a ser feito, principalmente para a lei sair do papel e de fato ser respeitada. É preciso continuar sensibilizando as pessoas para a participação militante nessa luta, para superar os desafios e garantir um futuro melhor para as mulheres de todo o mundo. A escola e o sindicato são espaços fundamentais para as conquistas que virão. Por isso, Parabéns SINPROJA, pelos seus 30 anos de luta em prol dos direitos das mulheres! Continuemos com força e coragem, juntas somos fortes!

**Kathywska da Rocha Tavares**  
**Escola Municipal José Carlos Ribeiro**





## COM A PALAVRA A SENADORA DE PERNAMBUCO, TERESA LEITÃO!



**SINPROJA:** Teresa, você foi a primeira mulher a ser presidenta do SINTEPE, a ter 5 mandatos consecutivos na ALEPE e, agora, primeira senadora de Pernambuco. De onde vem essa força pioneira? A cada dia a responsabilidade fica mais pesada ou você já se acostumou com as cobranças?

**Teresa Leitão:** Tenho muito orgulho dessa trajetória. Acredito que um fator que me reforça muito, e até me conforta, é a perspectiva de projeto coletivo, de ser um instrumento desse projeto, de atuar sempre em grupo. As cobranças sempre vão existir e elas aumentam à medida que aumenta a responsabilidade. Tento responder com transparência e encaro isso também como um fator de confiança.

**SINPROJA:** Senadora, suas demandas agora são em nível nacional. Como você poderá contribuir localmente, em especial com as demandas do SINPROJA?

**Teresa Leitão:** O peso maior do nosso trabalho é realmente no ambiente do Senado: comissões, frentes e plenário. Temos que acompanhar tudo e estudar as matérias que são de âmbito nacional. No entanto, não podemos deixar de lado as questões do nosso estado e nos

dividir entre Brasília e Pernambuco. O Sinproja sempre vai contar comigo.

**SINPROJA:** Não podemos esquecer o conservadorismo crescente nas casas legislativas. Você tem sofrido preconceito de gênero lá no Senado? Em que bandeiras das lutas das mulheres você pretende focar neste mandato? Tem planos de agir conjuntamente com a bancada feminina?

**Teresa Leitão:** O conservadorismo está bem presente nas casas legislativas e no Senado não é diferente, inclusive com representação feminina. Temos no Senado a Procuradoria da Mulher e a liderança da bancada feminina. Isso nos ajuda em algumas pautas. Vou dar prioridade ao combate à violência, à saúde das mulheres e à igualdade de direitos no trabalho.

**SINPROJA:** Qual a sua mensagem para as mulheres que estão iniciando na luta sindical?

**Teresa Leitão:** Persistam e lutem sempre. O sindicato pode ser uma grande escola de vida e de política! E pode formar mulheres empoderadas.



Foto: Alepe/divulgação



## POR QUE TRANSGREDIR A GRAMÁTICA COM A FLEXÃO DE GÊNERO?

Não se pode negar que a sociedade em que vivemos é patriarcal, que o homem é considerado hegemônico e coloca a mulher em uma posição submissa. Essa construção está presente na forma como falamos, escrevemos e nos comunicamos, refletindo o costume social construído e naturalizado ao longo do tempo. Usar o masculino como regra e o feminino como exceção é uma ferramenta poderosa para reproduzir e reforçar os preconceitos de gênero, a invisibilidade e a exclusão da mulher. A sociedade é machista, a gramática também.

No entanto, estamos na luta pela superação dessa discriminação social e a linguagem não sexista é um importante meio de combate. Muitos afirmam que é a linguagem oficial que está sendo violada. Ora, a linguagem é uma construção, fruto do costume adquirido de geração a geração. Por que não mudar? Nossa “teimosia” é justamente para causar o costume na fala, na escrita e, conseqüentemente, nas relações interpessoais cotidianas. Transgredir a gramática para mudá-la e, ao mesmo tempo, transformar o comportamento e a mentalidade machista. Parece bobagem... mas... se incomoda é porque está surtindo efeito. Ninguém precisa sentir obrigatoriedade na mudança, mas o “politicamente correto” faz grande diferença.

Como diz o ditado, “a língua é o único instrumento que se afia com o uso”. Tantos termos deixaram de ser usados e tantos outros têm sido incorporados aos vocabulários das sociedades. É fundamental que as mudanças resultantes do ativismo contra preconceitos e discriminações também gerem mudanças no vocabulário contemporâneo. A linguagem é dinâmica e deve evoluir para acompanhar os novos costumes, os novos valores. A comunicação deve estar sintonizada com a vida de justiça, com as oportunidades e o respeito que desejamos.

**“QUE NADA NOS LIMITE, QUE NADA NOS  
DEFINA, QUE NADA NOS SUJEITE.  
QUE A LIBERDADE SEJA NOSSA PRÓPRIA  
SUBSTÂNCIA, JÁ QUE VIVER É SER LIVRE”.**

**SIMONE DE BEAUVOIR**





## TODAS, TODOS E TODES: A IMPORTÂNCIA DO USO DA LINGUAGEM NÃO SEXISTA



De acordo com a PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) 2021, no Brasil as mulheres são 51,1% da população brasileira. Se pensarmos em nível mundial, de acordo com dados. Embora as estatísticas demonstrem a presença marcante das mulheres no Brasil e a historiografia revele a influência das mulheres nas histórias das civilizações, estas por vezes parecem não estar representadas de forma adequada nos diferentes espaços sociais e com frequência são colocadas num lugar hierarquicamente inferior nas relações de poder estabelecidas socialmente.

Partindo da premissa de que a neutralidade não existe, podemos afirmar que todas as construções sociais refletem as ideologias que constroem as sociedades e, nesse sentido, não há como negar que vivemos em uma sociedade construída sob as bases do patriarcado heteronormativo, branco-cêntrico e cristão. Essa base institui o que é padrão de forma hegemônica e quando o faz, gera um movimento de silenciamento de tudo que sai desse desenho.

A língua e a linguagem, como construções sociais, não fogem a este padrão. Refletem as bases que construíram essa sociedade na formalidade através das regras e normas gramaticais e também no uso da oralidade em nossos discursos cotidianos. Instituiu-se que o masculino é a regra, é o correto, é o universal. E nesse movimento seguimos, mesmo que inconscientemente, reproduzindo uma ideia de que a mulher não precisa estar representada, que sua existência não precisa ser demarcada. O que dizer então das outras

identidades de gênero? A essas, em uma sociedade machista/ heteronormativa/ branco-cêntrica/ cristã, nem cabe a reflexão sobre a existência de outros gêneros a não ser homem e mulher.

No entanto, se acreditamos numa possibilidade de sociedade mais justa, igualitária e equânime precisamos romper com essa padronização que de nada nos serve, além de perpetuar um silenciamento e o apagamento de existências outras para além do masculino e do heteronormativo. Precisamos admitir o caráter mutável da língua e da linguagem, entender que estas só fazem sentido a partir de nossas existências, que são uma expressão nata de nossa humanidade. E humanidade é diversidade.

Nesse sentido, reforçamos o papel fundamental das trabalhadoras e dos trabalhadores da Educação nessa mudança. É urgente, e necessário, que assumamos esse papel de agente de mudança. Incorporar uma linguagem mais inclusiva e não sexista em nossos locais de trabalho, em nossas lutas diárias e em nosso cotidiano, é tarefa primordial para contribuir com a transformação social. Pode parecer uma ação pequena, mas quando falamos todas, todos e todes estamos reconhecendo a existência de sujeitos diversos e isso é um começo importante na caminhada para uma sociedade mais justa e respeitosa para todas as pessoas.

**“PORQUE HÁ O DIREITO AO GRITO.  
ENTÃO EU GRITO”.**

**CLARICE LISPECTOR**



## FEMININA OU FEMINISTA?

Podemos encontrar várias definições sobre o termo feminina: mulher que se cuida, cuida de seu corpo... Mulher vaidosa, que não deixa de ir ao salão cuidar dos cabelos, das unhas, etc. Ou simplesmente mulher que se embeleza. Mulher que cuida da casa, da família, das crianças. A cultura patriarcal tem a mulher feminina como perfeita, cuidadora, mãe exemplar, irmã carinhosa, filha amorosa. A maioria das mulheres que se acham femininas não se admitem feministas.

Já o termo feminista vem da palavra femme, que em francês significa Mulher. Portanto, a palavra feminista tem origem francesa. [...] “Feminismo pode ser compreendido como tudo aquilo que diz respeito à emancipação das mulheres. Hoje, o feminismo é ao mesmo tempo uma teoria que analisa criticamente o mundo e a situação das mulheres, um movimento social que luta por transformação e uma atitude pessoal diante da vida.” (Livro feminismo e movimento de mulheres - Carmen Silva e Silvia Camurça).

Hoje, a mulher lutadora, participativa, é considerada como uma mulher feminista. Porém, durante muito tempo o termo feminista foi confundido, pela sociedade patriarcal, com discriminação e preconceito. Para a sociedade conservadora, feminista é a mulher que não se cuida nem respeita as tradições da família.

No entanto, é preciso entender que a mulher feminista também pode ser feminina, já que a luta de classe, e por igualdade de direitos, contribuiu para que essa mulher aprendesse a se cuidar para ela mesma e não para os homens. A mulher feminista aprendeu que pode ter sua família e participar da luta, estudar e se cuidar ao mesmo tempo. Nada impede que ela seja feminina e feminista. Ser feminista é querer mudar o mundo na luta pela igualdade de direitos combatendo o machismo, o racismo, o feminicídio, o transfeminicídio, a homofobia e toda e qualquer forma de violência.



**“EU SOU AQUELA MULHER QUE FEZ A ESCALADA DA MONTANHA DA VIDA, REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES”.**

**CORA CORALINA - TRECHO ADAPTADO DO POEMA RESSALVA.**

**Neide Maria da Silveira**  
professora aposentada, ex-diretora do SINPROJA



## FAZENDO HISTÓRIA: PORQUE PODEMOS. PORQUE QUEREMOS!



A história do 8 de março, em Pernambuco, começou antes mesmo de sua formalização como Dia Internacional da Mulher. Oficializado pela ONU em 1975, é considerado um dia para lembrar a importância da luta pela igualdade de gênero, tanto no campo profissional quanto no campo pessoal. Até os dias de hoje, as mulheres são relegadas em vários espaços de atuação no trabalho e muitas ainda sofrem com diferenças nos afazeres diários em seus próprios lares.

No entanto, no período colonial, século XVI, a capitania de Pernambuco teve a primeira governante das Américas: Dona Brites de Albuquerque. Junto com outras mulheres da sociedade colonial pernambucana, trabalhadoras nos mais diversos postos da nossa sociedade e tendo seus nomes desconhecidos pela historiografia, Dona Brites chegou a Pernambuco em 1535 para acompanhar o marido, o donatário Duarte Coelho. Ele foi a Portugal em 1554 e deixou sua esposa no comando da capitania. Durante os 30 anos seguintes, Dona Brites assumiu diversas vezes o governo de Pernambuco. Igualmente a muitas mulheres, o papel de liderança naquele período era tomado quando havia ausência masculina.

Ao longo dos séculos, fomos levadas nesse discurso como se a liderança fosse “natural” do homem e à mulher coubesse apenas aprender e assumir de forma interina. Apesar disso, conseguimos conquistar nosso espaço e respeito nesses momentos “em que permitiam”. A necessidade social e econômica fez muitas mulheres terem essa liderança em suas famílias, antes mesmo de um processo de organização para lutar por direitos iguais no trabalho.

Embora ao longo da história feminista no Brasil tenhamos conhecimento de que as mulheres trabalhadoras braçais se encontravam para as mais diversas atividades laborais, sem uma visão ainda para organização de classe, as primeiras mulheres organizaram-se junto aos sindicatos fabris no Brasil no início do século XX. Pernambuco seguiu o contexto nacional e as mulheres estavam na luta sindical nesse período.

Em respeito à nossa história, temos hoje mulheres na luta da vida cotidiana, nos sindicatos, na política e em tantos outros espaços. Como afirmou Grazziotin (2022, on line):

*Precisamos de políticas públicas transversais para as mulheres brasileiras. Já nos primeiros anos escolares a escola deve ensinar meninas e meninos que as mulheres podem estar onde e ser o que quiserem; os professores precisam dizer a todas as crianças que mulher pode jogar futebol ou praticar qualquer outro esporte. No ensino médio, o incentivo às jovens a ingressarem nas carreiras mais valorizadas, superando a ideia de que às mulheres estão reservadas as vagas relacionadas ao cuidado, seria muito bem-vindo.*

Ou seja, não mais de forma interina, não mais pela ausência de líderes masculinos. Porque podemos. Porque queremos. Porque lugar de mulher é onde ela quiser!

Fontes:

Dia Internacional da Mulher: a origem operária do 8 de Março. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43324887>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

FRAZÃO, Dilva. **Brites de Albuquerque**: esposa de Duarte Coelho. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/brites\\_de\\_albuquerque/](https://www.ebiografia.com/brites_de_albuquerque/)>. Acesso em: 2 mar. 2023.

GRAZZIOTIN, Vanessa. **Dia Internacional da Mulher**: precisamos apertar o passo. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2022/03/08/dia-internacional-da-mulher-precisamos-apertar-o-passo/>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

REINA, Vanderlay Santana. Mulheres no movimento sindical: o “avesso” da história. In: 18° REDOR. 2014, Recife. **Anais eletrônicos 18° REDOR**. Recife: UFRPE, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1918/666>>. Acesso em: 2 mar. 2023.



## 8 DE MARÇO: DIA INTERNACIONAL DA MULHER

No dia 8 de março é comemorado o Dia Internacional da Mulher, para que sejam lembradas as lutas contra todo tipo de opressão pelo simples fato de sermos mulheres. Este ano fomos às ruas gritar bem alto que “Não é Não!” Dizer que queremos respeito e dignidade. Denunciar casos de violência e de feminicídio, conclamar a adesão de mais pessoas para as nossas pautas. Com alegria, força, solidariedade, fizemos o dia de luta com visibilidade e conteúdo, provocando debates e reflexões.



Fotos: Alesandro Vitor / PH Assessoria de Comunicação



# JORNAL LILÁS

EDIÇÃO: MARÇO DE 2023



Siga o SINPROJA  
nas redes sociais